

TABULEIRO DE LETRAS

Pele negra, máscara branca: reflexões sobre *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues

Black skin, white mask: reflections on *Black Angel*, by Nelson Rodrigues

Maycom de Faria¹

RESUMO: O presente artigo objetiva abordar, pelo viés literário, algumas questões sociais e psicológicas enfrentadas pelo negro, advindas dos estereótipos criados e difundidos durante o período colonial. Para tanto, elegeu-se como objeto de análise o personagem Ismael, da peça teatral *Anjo Negro* [1946], escrita por Nelson Rodrigues. O referido personagem será analisado à luz das considerações de Souza (1983) e Fanon (2008). Antes, porém, abordam-se alguns fatores, relativos ao período colonial, responsáveis por conduzir o negro a rejeitar a própria cor e, conseqüentemente, a tentar, em vão, tornar-se um branco, por meio da assimilação dos valores do colonizador.

Palavras-chave: Período colonial; Estereótipo; *Anjo Negro*.

ABSTRACT: The present article aims to address, through the literary bias, some social and psychological issues faced by the black, arising from the stereotypes created and disseminated during the colonial period. For that, the character Ismael, from the play *Black Angel* [1946], written by Nelson Rodrigues, will be taken as the object of analysis. Said character will be analyzed in light of the considerations of Souza (1983) and Fanon (2008). First, however, we will discuss some factors, related to the colonial period, responsible for leading the Negro to reject his own color and, consequently, to try in vain to become a white, through the assimilation of the values of the colonizer.

Keywords: Colonial Period; Stereotype; *Black Angel*.

1 Introdução

“O trabalho ficou mal feito? Serviço de preto!”. “É um negro bom caráter? Sim, apesar da cor!”. “Por que cigano não lê a mão de negro? Porque negro não tem futuro!”. O repertório de chistes depreciativos sobre as pessoas negras é farto no Brasil, cuja população descende principalmente de negros africanos e europeus vindos para cá, durante o período colonial. Ainda hoje, a relação entre pessoas provenientes dessas etnias é conflituosa. Isso porque permanecem alguns resquícios da visão estereotipada do negro, criada pelo europeu à época da colonização e manifestados na forma de piadas, como as supramencionadas. Mas os resquícios da visão estereotípica não se manifestam apenas na forma de comentários

¹ Professor do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD). E-mail: maykomdefaria@hotmail.com

pejorativos. Eles vão muito além: determinam a posição do negro em relação às suas origens africanas e chegam, até mesmo, a causar-lhe transtornos psicológicos.

Isso posto, o presente trabalho entende que o negro é acometido por duas outras consequências do retrato depreciativo construído ao longo da colonização: uma de natureza psicológica e outra de natureza social. No primeiro caso, percebe-se no comportamento de alguns negros a obsessão em manter pessoas brancas sob suas ordens. Talvez, como tentativa de vingar-se da *imago* do negro desesperado diante do senhor branco (Cf. FANON, p. 67). Quanto à consequência social, verifica-se que o negro ambicioso por ascender socialmente depara-se com a necessidade de recusar tudo o que lhe remeta às suas origens. Aqui, é importante atentar para as considerações de Neusa Santos Souza. Em *Tornar-se Negro* (1983) a autora sublinha que a estrutura das relações raciais – ora estimulando, ora impedindo a ascensão social do negro no Brasil pós-Abolição – contribuiu para “[...] fragmentar a identidade, minar o orgulho e dismantelar a solidariedade do grupo negro” (SOUZA, 1983, p. 21).

Consoante essas constatações, analisamos a representação literária das consequências aludidas, especificamente na peça teatral *Anjo Negro* [1946], de Nelson Rodrigues. Pressupõe-se que na referida obra o personagem Ismael, médico negro, bem-sucedido financeira e profissionalmente, apresenta-se dividido entre a necessidade de se autorrecusar e o desejo de subjugar o branco. É com base nesse pressuposto que seu comportamento será analisado.

Antes, apresentam-se as origens da visão estereotipada que induziu o negro a recusar suas origens, admirar e idolatrar o homem branco. Para isso, o contexto da sociedade colonial será retomado. A partir de Munanga (1988) haverá uma explanação das motivações que resultaram na criação de um retrato do negro responsável por reduzi-lo a um ser ignóbil, fazendo-o sentir-se atraído pelos valores do colonizador europeu.

Depois, pautando-se em Fanon (2008) e Memmi (2007) serão expostas duas situações. A primeira referente às tentativas do negro em assimilar os costumes europeus, ou seja, de embranquecer-se, visando ser reconhecido como ser humano e adentrar o “mundo branco”. A segunda concernente à frustração de tais tentativas, em virtude da incompatibilidade existente entre o desejo de assimilação e inserção na “sociedade branca” e o projeto colonial. Para finalizar, ancorado em Fanon (2008) e Souza (1983) e situado no Brasil pós-Abolição, este trabalho se debruçou sobre a representação literária da situação, social e psicológica, do negro promovido socialmente, por meio da análise já referida.

2 Dos Estereótipos ao Malogro da Assimilação

No século XIX, a ocupação efetiva da África permitiu ao colonizador europeu entrar em contato com religiões, costumes e cultura por ele desconhecidos até então. Entretanto, sua atitude diante do africano não foi de admiração por aspectos de sua cultura. Pelo contrário, movido pela necessidade de exploração econômica, o europeu instituiu uma série de preconceitos, com vistas a justificar as barbáries cometidas nas regiões ocupadas. Nesse contexto, tentou-se destruir os valores do negro a partir do pressuposto de que este era inferior, desprovido de capacidade intelectual: “Negro torna-se [...] sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica [...]” (MUNANGA, 1988, p. 9).

Desde o século XV já havia argumentos relativos às “qualidades menores” do negro. Então, tirar o negro de sua insignificância e elevá-lo ao nível do homem europeu surgia como justificativa para legitimar a espoliação do território africano, bem como a escravização de seus habitantes. Eurgia provar a inferioridade do negro, seja com o aporte da ciência, seja com o aporte da religião. Segundo Munanga: “[...] a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva de seus pretendidos caracteres menores [...]” (MUNANGA, 1988, p. 9).

Para a ciência o negro era uma espécie de desvio, algo anormal. Cogitava-se que ele era um branco que sofrera um desvio de suas condições naturais, ao ser enegrecido pelo excessivo calor das regiões onde habitava: Pensava-se o negro “[...] como um branco degenerado, caso de doença ou de desvio [...]” (MUNANGA, 1988, p. 15). Já a visão religiosa pautava-se no mito de que os negros eram descendentes de Cam, homem amaldiçoado por seu pai, Noé (Cf. MUNANGA, p. 15).

Além da desdita de ser um branco degenerado, acreditava-se que o negro carregava a maldição consigo. Por isso, no imaginário europeu, a cor preta remetia a aspectos negativos do ser humano, ao pecado, à maldição, enquanto que a cor branca lembrava virtudes como a vida e a pureza: “[...] nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba e o Diabo como um moleque preto de chifrinhos e rabinho” (MUNANGA, 1988, p. 15).

No século XIX também surgiram trabalhos na área da anatomia, comparando o corpo do homem negro com o corpo do homem branco, sempre com avaliações negativas para o primeiro. Resultados de alguns desses trabalhos consideram que os traços corporais do negro

estavam relacionados à inferioridade. Assegurava-se que o negro não poderia ser tão inteligente como o branco, por ter cérebro menor. Ademais, a crespidão dos cabelos e a pele escura eram sinais de inferioridade:

[...] O médico alemão Franz Gall afirmava [...] que o tamanho da cabeça e o volume do cérebro acusavam, entre os negros africanos, dimensões menores comparativamente aos brancos, daí chegando à conclusão óbvia [...] Para Paul Broca [...] a cor da pele tendendo à escura, o cabelo crespo, estariam [...] relacionados à inferioridade [...] (MUNANGA, 1988, p. 20).

A visão do negro como ser inferior não se restringiu apenas a discussões teóricas. Ela foi praticada, transmitida cotidianamente por meio da educação e de gestos banais, originando, com o passar do tempo, um retrato mítico. Preguiça, perversidade, incapacidade intelectual e familiaridade com a miséria passaram a ser vistas como iminentes a toda pessoa negra. São estereótipos que, enquanto legitimavam a exploração econômica, justificavam formas autoritárias de poder, isto é, a severidade com que o negro era tratado nas colônias.

Na ótica dos colonizadores, se os nativos eram ladrões e perversos, era imprescindível uma força repressiva que os detivesse. Além disso, como eles estavam habituados a serem miseráveis, por que pagar-lhes um bom salário? A respeito, Homi Bhabha destaca a atitude do colonizador de gerar a imagem negativa do nativo que justifique a política colonial baseada na discriminação e na opressão. É o discurso racista estereotípico, cuja forma de governo em seu momento colonial reconhece

[...] a diferença de raça, cultura e história como sendo elaboradas por saberes estereotípicos, teorias raciais, experiência colonial administrativa e, sobre esta base, institucionaliza uma série de ideologias políticas e culturais que são preconceituosas, discriminatórias, [...] “míticas”, [...] Ao conhecer a população nativa nesses termos, formas discriminatórias e autoritárias de controle político são consideradas apropriadas [...] (BHABHA, 1998, p. 127).

Bom exemplo é o mito do negro preguiçoso. Cria-se a imagem do autóctone avesso ao trabalho contraposta ao colonizador, que trabalha com afinco. Conseqüentemente o colonizador paga um salário ínfimo aos serviços que lhes são prestados pelo colonizado, haja vista que o trabalho deste é insignificante, não traz lucros, segundo o estereótipo difundido. Ao negro, ainda que exerça as mesmas atividades que um branco, sempre lhe será pago um ordenado inferior, levando Munanga a considerar que “[...] mesmo professores, médicos e

engenheiros negros colonizados nunca receberam salários iguais aos de seus colegas brancos” (MUNANGA, 1988, p. 21).

As diferenças entre colonizador e colonizado no tocante à organização do horário laboral intensificaram o mito do negro preguiçoso. Conforme Munanga, em algumas aldeias da África, localizadas em regiões excessivamente quentes, a jornada de trabalho começa mais cedo e termina mais cedo. Por isso, seus habitantes passam a tarde sob as árvores, protegendo-se do calor e se restabelecendo para o trabalho do dia seguinte. O mesmo não ocorre com o europeu, pois as condições climáticas de seu continente contribuem para que o horário de trabalho se estenda pela tarde. Isso não significa preguiça por parte do negro. Como se pode constatar, este trabalha, mas cumprindo horários diferentes. Entretanto, “[...] Essa situação reforçou a falsa imagem do negro preguiçoso, diante de um branco ocidental, vivendo num clima diferente, obedecendo a um horário convencional [...]” (MUNANGA, 1988, p. 22).

Como visto até agora, para o colonizador o negro era composto apenas de aspectos negativos. A saída foi excluir-lhe da sociedade, privar-lhe dos direitos oferecidos aos outros cidadãos, inviabilizar seu acesso à vida social. As crianças negras, por exemplo, foram privadas de estudar, e as poucas que tiveram acesso à escola acabaram internalizando a visão de mundo europeia. Memmi (2007) argumenta que, nos países colonizados, ingressar numa escola não significava ser “nacionalmente salvo”. Ali, a memória transmitida aos alunos não era a de seus ancestrais, mas a de outros povos, ou melhor, a memória do europeu.

O país colonizado não tinha história, não existia, pois tudo parecia ter acontecido em outro lugar (Cf. MEMMI, p. 145). Assim sendo, quando se atenta para as palavras de Munanga (1988), tem-se a impressão de que os conteúdos estudados em escolas da África eram destinados a crianças europeias, pois o contexto no qual viviam as crianças africanas era totalmente ignorado: “[...] os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho. Da neve e do inverno que nunca viu [...]” (MUNANGA, 1988, p. 23).

Esse mundo estranho também apresentou ao negro um idioma diferente, falado pelo colonizador. Dessa forma, a língua nativa foi rechaçada, pois nas instâncias que regiam a vida social ela não tinha valor. Se o negro ambicionasse exercer influência na sociedade, ele deveria ser bilíngue porque o idioma falado desde sua infância não era o mesmo dos órgãos administrativos do Estado, nem muito menos a língua da tecnologia. Por isso Munanga (1988) considera o negro, que não fala o idioma do colonizador, um estrangeiro em sua própria terra (Cf. MUNANGA, p. 24).

A necessidade de dominar o idioma do colonizador aos poucos foi criando um desconforto do colonizado para utilizar sua língua. Era o momento de escondê-la, evitá-la. Mas não é apenas na África que se observa esse desdém pelas línguas nativas. Nas Antilhas, a situação se repete, pois a desvalorização do idioma local pelos colonizadores franceses levou grande parte dos antilhanos a se recusar a falar o patoá. Neste caso, é essencial observar as considerações de Fanon: “[...] Na escola, o jovem martinicano aprende a desprezar o patoá. Fala-se do crioulo com desdém. Certas famílias proíbem o uso do crioulo [...]” (FANON, 2008, p. 36).

Quanto à língua, o negro viveu um drama, o que Memmi chama de “drama linguístico”. De um lado o idioma do colonizador, cujo domínio representa a possibilidade de ascensão, de não ser um estrangeiro na própria terra. De outro, a língua materna, com a qual expressam os sentimentos e que contém toda a carga afetiva. O que fazer? Para o autóctone, a saída foi rejeitar seu idioma e demonstrar que se sentia à vontade apenas quando se expressava na língua do colonizador. Neste contexto, Memmi observa: “[...] o bilinguismo colonial não é nem uma diglossia, na qual coexistem um idioma popular e uma língua purista, [...] nem uma simples riqueza poliglota, que se beneficia de um teclado suplementar mas relativamente neutro; é um “drama linguístico” (MEMMI, 2007, p. 148).

Ser visto pelo europeu como inferior e ter os elementos de sua cultura ridicularizados levou o negro a considerar como verdadeiros os estereótipos difundidos. Assim, desenvolveu aversão aos elementos que o ligam a sua cultura, a odiar a si mesmo e a envergonhar-se de sua cor. Isso porque o branco lhe inculcou que estes eram fatores responsáveis por reduzi-lo à inutilidade, a mero colonizado. Concomitantemente o negro expressava grande admiração pelo homem branco, à qual vem se juntar a necessidade de demonstrar a sua humanidade, de provar que não é um animal. A partir de então o negro tentou embranquecer-se. Como diz Fanon, “[...] na medida que o homem branco [...] me extirpa qualquer valor [...] tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade [...]” (FANON, 2008, p. 94).

Aqui é conveniente abrir um parêntesis para pensar na possibilidade de o desejo de embranquecimento do negro ser consequência do processo de outremização. Barzotto (2011), por meio dos estudos de Jacques Lacan, destaca a relação Outro/outro. Nesse sentido o “Outro” (com maiúscula) representa o colonizador europeu, ao passo que o “outro” (com minúscula) representa o colonizado. De acordo com a autora:

Outro/outro são constructos do imperialismo, de seu discurso opressivo e de suas práticas e [...] se mantêm na realidade colonial e pós-colonial pela imposição da força da dependência cultural, política e financeira gerada da metrópole para a colônia ou ex-colônia [...] (BARZOTTO, 2011, p. 63-64).

Na sociedade colonial o Outro (europeu) produz um retrato deturpador do outro (indígena, negro, latino etc.), transformado em sinônimo de depravação, preguiça, selvageria. Com o passar do tempo, o “outro” introjeta essa imagem negativa e passa a se anular. Assim, para as discussões propostas neste trabalho, seria interessante pensar que o negro, sendo o “outro”, tentou assimilar os valores do “Outro” (colonizador branco), para livrar-se da opressão que lhe era imposta.

Ao negro não era possível substituir sua pele por outra, branca. O processo de embranquecimento se deu, então, pela absorção dos valores culturais europeus. Para Munanga (1988), o negro adotou a vestimenta do europeu, sua alimentação e, principalmente, a língua colonizadora, transformada em objeto de admiração, responsável por fazer com que o nativo que a falasse fluentemente se elevasse sobre os demais: “[...] Quantas vezes não escutamos a expressão: “tome cuidado com ele; é muito inteligente, fala francês como um branco [...]” (MUNANGA, 1988, p. 27).

Outra estratégia de embranquecimento adotada pelo negro é o “erotismo afetivo”, relativo às relações sexuais entre uma mulher negra e um homem branco e vice-versa. Nesse caso, transar com uma pessoa branca, ou casar-se com ela, pode ter diversos significados, indo desde uma possível vingança – por meio do domínio do outro pelo sexo – até a uma oportunidade de ter filhos mestiços e proporcionar, assim, às gerações futuras, o clareamento da pele:

[...] não se pode descartar [...] a vontade de diluir simbolicamente a sua inferioridade no ato em si, ou de tornar-se branco pela posse sexual, ou, ainda, a possibilidade de melhorar a raça através de uma progenitura mestiça (MUNANGA, 1988, p. 28).

Fanon (2008) constata que, na Martinica, a escolha de um (a) parceiro (a) era guiada pela cor da pele: privilegiava-se uma pessoa branca, mas, caso isso não fosse possível, escolhia-se o menos negro. As martinicanas, por exemplo, argumentavam que “era preciso salvar a raça”. Nesse caso, salvar a raça não significa preservar sua cultura, os costumes do lugar onde elas nasceram, mas embranquecer a raça. Como observa Fanon, “[...] o importante é não sombrear de novo no meio da negrada, e qualquer antilhana se esforçará em escolher, nos seus flertes ou relações, o menos negro [...]” (FANON, 2008, p. 57). Com os homens

martinicanos não é diferente. Fanon relata que uma das primeiras preocupações dos martinicanos que chegavam à França era transar com uma mulher branca. É o desejo de gozo no útero branco, alimentado durante a vida na Martinica e posto em prática, como uma espécie de rito de iniciação para o martinicano recém-chegado à metrópole:

[...] a preocupação mais constante daqueles que chegam na França é dormir com uma mulher branca. Logo que desembarcam no Havre, dirigem-se às casas de prostituição. Uma vez cumprido esse rito de iniciação à “autêntica” virilidade, tomam o trem para Paris (FANON, 2008, p. 76).

É preciso frisar que a busca por se assemelhar ao colonizador esbarrou no projeto colonial. Ao recusar seu grupo, o colonizado ambicionava fazer parte de outro: o grupo do colonizador. Mais que renunciar a tudo que o ligava às suas origens, era preciso que o colonizador o reconhecesse, o aceitasse, o que, de fato, não aconteceu. Suas tentativas de parecer-se com o europeu, seja pela imitação da maneira de falar, seja por meio da vestimenta ou de pequenos gestos foram motivos de escárnio. Dessa forma, apesar de atrativos, os valores do colonizador foram negados ao colonizado, como salienta Figueiredo: “[...] O colonizador rirá de suas macaquices, o achará ridículo ou lhe explicará [...] que os povos são diferentes e que não se faz um inglês ou francês de um árabe ou de um negro [...]” (FIGUEIREDO, 1998, p. 66). Nesse sentido, o negro não alcançou seu objetivo. O máximo que conseguiu foi realizar uma imitação mal feita, tornando-se alvo de zombaria.

Para Memmi, era impossível o colonizado integrar-se à sociedade colonial. Isso implicaria pagar-lhe um melhor salário, permitir-lhe a contestação dos privilégios coloniais e promover-lhe jurídica, política e administrativamente. Se fizesse isso, o colonizador contrariaria seus próprios interesses. Não pôde, então, aceitar a assimilação e integrar o colonizado, pois dessa forma o colonizador acabaria consigo mesmo (Cf. MEMMI, p. 168). Em virtude dessa situação, Munanga salienta a incompatibilidade existente entre o projeto colonial e a tentativa do negro em assimilar os valores do branco e fazer parte de seu grupo. O projeto colonial primava pela desumanização do negro, e sendo assim não poderia integrá-lo: “[...] Pelo contrário, criou sua desestabilidade cultural, moral e psíquica, deixando-o sem raízes, para melhor dominá-lo e explorá-lo” (MUNANGA, 1988, p. 31).

3 Ascender para Impor-se

Ismael, de *Anjo Negro*, é um proeminente médico. Filho de negros, ascende socialmente exercendo uma profissão prestigiosa e rentável. Mas, uma leitura atenta mostra

que Ismael não é médico por amor à profissão: o que o conduziu a esse ofício foi a ânsia de obter reconhecimento, em chegar a uma posição que o fizesse superior ao homem branco. Ao mesmo tempo, percebe-se que o dito personagem é isolado, não se reconhece como membro de um grupo, já que renunciou às origens.

Por isso, antes de passar à análise da conduta de Ismael é necessário compreender as condições que nortearam a ascensão social do negro, no Brasil, e conhecer dois casos os quais demonstram a obsessão do negro em impor-se ao homem branco. No tangente à ascensão social, Souza (1983) argumenta que o retrato inferiorizante do negro sobrevive ao fim da escravidão. Na nova ordem social, na qual vigora capitalismo, os brancos continuaram com a intenção de espoliar o negro e, para tanto, procuraram conservá-lo na mesma condição social anterior à Abolição: [...] todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social [...] (SOUZA, 1983, p. 20).

Ainda assim a sociedade capitalista foi vista pelo negro como uma possibilidade de sair de sua marginalidade social. A ascensão é percebida por ele como veículo que lhe traria redenção nas áreas financeira, social e política, além de torná-lo um indivíduo respeitado. Porém, Souza (1983) acredita que, se por um lado, o respeito adquirido por intermédio dessas conquistas poderia fazer com que o negro passasse a ser bem tratado, de outro lado, ser bem tratado era ser tratado como branco. Sendo assim, o negro procurou assemelhar-se ao branco: “[...] foi com a [...] determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (SOUZA, 1983, p. 21).

Com isso, seu grupo de origem continuou a ser visto como uma barreira, pois era uma referência negativa, condição da qual era preciso escapar para conseguir a almejada ascensão. Foi uma situação com a qual se deparou o negro e que colaborou para “[...] ampliar o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto grupo [...]” (SOUZA, 1983, p. 22). Livrar-se da miséria era tornar-se uma exceção entre os outros negros. Mas, para continuar sendo uma exceção, o homem de cor precisou se identificar com os valores que determinam a personalidade do branco. Ainda que não quisesse, os negros tiveram de fingir que eram brancos “[...] onde e quando aspirem a ser aceitos e a serem tratados de acordo com as prerrogativas de sua posição social” (FERNANDES *apud* SOUZA, 1983, p. 23). Desse modo, pode-se dizer que a história da ascensão social do negro brasileiro é simultânea à história da assimilação dos valores do branco, em detrimento de sua identidade negra.

A ascensão social desponta para o negro não apenas como meio de “tornar-se gente”, mas, ainda, como maneira de vingar-se, submetendo o branco a humilhações semelhantes às do escravo perante seu senhor. Experiências descritas por Fanon (2008) mostram a obsessão de alguns negros em maltratar os brancos, com o intuito de ser reconhecido como pessoa importante ou como mecanismo de defesa contra uma possível agressão. Fanon menciona situações presenciadas por ele que remetem a esses dois tipos de comportamento.

A primeira é relativa a um estudante de medicina negro que tinha a impressão de que jamais seria reconhecido como um verdadeiro médico pelos pacientes europeus. Ao engajar-se no exército, esse estudante rechaçava qualquer possibilidade de deixar a França e ser enviado para uma colônia. Isso porque “[...] Ele queria ter brancos sob suas ordens. Ele era um chefe e, como tal, devia ser temido ou respeitado. Era, com efeito, o que queria, o que procurava: levar os brancos a ter com ele uma atitude de negros [...]” (FANON, 2008, p. 67).

A segunda refere-se a um fiscal de alfândega de atitudes grosseiras em seu local de trabalho. O funcionário justificou seu comportamento a Fanon com o seguinte argumento: “[...] se você não for sacana, eles te consideram um babaca. Como sou preto, um termo termina atraindo o outro...” (FANON, 2008, p. 67). As ações de Ismael em relação aos brancos, ao longo de *Anjo Negro*, comportam atitudes semelhantes a esses comportamentos. Acrescentem-se o repúdio e o afastamento do personagem em relação às suas origens. Tais constatações guiarão a análise de seu comportamento.

4 Comportamento Contraditório

Anjo Negro, de Nelson Rodrigues, representa a vida conjugal entre um homem negro, Ismael, e uma mulher branca, Virgínia. Trata-se de uma relação conturbada, iniciada pelo estupro: por ser órfã, Virgínia morava com a tia e as primas. Em determinada ocasião, a moça fora surpreendida beijando o noivo de uma das primas que, desesperada com a traição, suicida-se. Como punição, a tia pede que Ismael vá até o quarto da menina e a deflore. Virgínia viu-se, então, obrigada a casar-se com ele. Depois de casados, o médico a mantém refém dentro de casa, impossibilitando que a mulher tenha contato com o mundo exterior. Porém, não tem total controle sobre a esposa, de modo que ela se vinga matando os filhos, negros, e traindo-o com Elias, irmão branco de Ismael.

Mas a peça de Nelson Rodrigues vai além dos episódios conjugais: coloca aos olhos do espectador, ou do leitor, o drama de Ismael, personagem que rejeita ser negro. Essa não aceitação desperta no personagem apenas o desejo de mudar de cor e a cólera em relação ao

branco, comportamento contraditório, como se vê. Desse modo, nota-se que, em alguns momentos, Ismael afasta-se de seu grupo de origem, a fim de comportar-se como pessoa branca, condição exigida ao negro que almeje ascender socialmente, como expõe Souza (1983). Já em outros, subjuga aqueles com quem sempre desejou parecer, infligindo-lhes humilhações, atitude parecida com a descrita por Fanon (2008) a respeito do comportamento de pessoas negras que buscam ser temidas ou respeitadas pelos brancos, para vingar-se da *imago* do negro humilhado diante do senhor branco (Cf. FANON, p. 67). O aludido personagem de *Anjo Negro* comporta-se de maneira semelhante.

Começando pelo afastamento de Ismael em relação às origens, uma das formas de conhecê-lo ao longo de *Anjo Negro* é observando a fala de Elias, em diálogo com Virgínia. No relato de Elias sobre o comportamento do irmão, percebe-se que Ismael sempre teve o cuidado de não se comportar como negro, evitando contato com elementos que o identificassem com os demais membros de seu grupo. Se não ingeria cachaça, não era por recato, mas por pensar que cachaça era bebida feita para ser consumida por negros. Ademais, se continha seus impulsos sexuais, não era por pudor, mas para evitar mulheres negras:

ELIAS – Quando ele era rapaz, não bebia cachaça porque achava cachaça bebida de negro. Nunca se embriagou. E destruiu em si o desejo que sentia por mulatas negras [...] (RODRIGUES, 2005, p. 28-29).

Os relacionamentos amorosos de Ismael norteiam-se pelo objetivo de “não sombrear no meio da negrada”, nos termos de Fanon. Entretanto, sua ânsia por afastar-se de suas origens o leva também a destruir os elementos que, de alguma forma, fazem alusão aos negros. A ocasião em que o rapaz retira o quadro de São Jorge da parede de sua casa e o arremessa pela janela pode servir como exemplo: ELIAS “[...] O que ele fez com São Jorge? Tirou da parede o quadro de São Jorge, atirou pela janela – porque era santo de preto [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 29).

Evitar a ingestão de cachaça, não se relacionar com mulheres negras e atirar pela janela um santo relacionado à crença dos negros era insuficiente para afastar Ismael de suas origens. Era preciso atribuir a culpa a alguém pelo fato de ter nascido negro. Assim, seu comportamento doentio o faz culpar a mãe. Este pode ser considerado o momento que melhor exemplifica o afastamento de Ismael em relação ao seu grupo de origem, pois, assim que responsabiliza sua mãe por ser negro, o personagem deixa sua casa. Como diz Elias: “[...] Um

dia, desapareceu de casa, depois de ter dito à mãe dele: ‘Sou negro por tua causa!’ [...]’ (RODRIGUES, 2005, p. 29).

Ismael afasta-se de seu grupo e consegue a desejada ascensão ao tornar-se um médico bem-sucedido, muito respeitado e casado com uma mulher branca. Mesmo assim, não se ilude com a promoção social. Sabe que, apesar do êxito, continua negro. Então, para conservar a posição, precisa manter o distanciamento de seu grupo de origem e continuar se comportando como homem branco, algo exigido pela sociedade. Vê-se aqui evidenciada outra maneira de Ismael distanciar-se de seu grupo, agora pela própria atitude do personagem, o qual não tolera que em sua casa se faça menção a negros. Por isso, os pretos encarregados de levar o caixão de seu filho ao cemitério, ao encontrarem Elias no pátio da casa, recomendam: “– Mas tome um conselho; não fale em preto que ele [Ismael] se dana!” (RODRIGUES, 2005, p. 10). Essa atitude remete às palavras de Souza, segundo as quais o negro, para ser promovido socialmente, se depara com muitos obstáculos, situação que o faz distanciar-se ainda mais de seu grupo, após a ascensão (Cf. SOUZA, p. 22).

Nota-se que Ismael consegue a ascensão social e mantém-se na posição de cidadão respeitado, comportando-se como branco. Mas há algo curioso em sua conduta: a obsessão em ser superior aos brancos, subjuguá-los. Não por acaso, esforçou-se para tornar-se médico. Sobre isso, o personagem Elias comenta: “[...] Estudava muito para ser mais que os brancos, quis ser médico – só por orgulho, tudo orgulho [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 29). Mais que parecer-se com os brancos, Ismael busca subjuguá-los, deixando transparecer sua vontade de ser reconhecido como superior, invertendo a relação de domínio. Ou seja, um modo de agir que busca fazer com que os brancos se comportem perante ele como negros. Prova disso é sua maneira de agir em relação à Virgínia e a Elias, ambos brancos.

A relação entre Ismael e Virgínia é marcada pelas imposições do marido. Virgínia não tem direito a escolhas, vive segundo as vontades do médico. Este a conserva isolada do mundo exterior, num estado de permanente cativo, como se ela fosse uma escrava que, por desagradar ao seu senhor, devesse ter sua liberdade cerceada ainda mais: “Ismael – Você me esperava, Virgínia?! Virgínia (*com espanto*) Esperava você! Só posso esperar você, [...] Só você chega, só você parte. O mundo está reduzido a nós dois [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 16).

O único lugar por onde Virgínia pode circular é o interior de sua casa, isso depois de ser proibida de andar pelo jardim. Ao que parece, com o passar do tempo Ismael sente a necessidade de reduzir o mundo da esposa cada vez mais, numa obsessão de evidenciar à

Virgínia que ela lhe pertence, que ele tem o poder de controlá-la: “VIRGÍNIA – Deixa, então, que eu passeie, no jardim, como antes? De noite. Preciso ver as estrelas. Posso ir com você! / ISMAEL – Não há mais estrelas. / – Teu lugar é aqui [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 20). Na ocasião em que o filho do casal falece, Ismael irrita-se com a indiferença da esposa em relação à morte da criança. Parece-lhe conveniente, então, enclausurá-la no quarto, como punição. Mesmo ouvindo os clamores da mulher, Ismael permanece impassível, recusando-se a retroceder de qualquer castigo ao qual a tenha submetido. Pela rubrica do texto, vê-se que Virgínia lança mão de vários gestos para comovê-lo. Ele, contudo, permanece inabalável, seja diante de uma Virgínia doce, seja diante de uma Virgínia desesperada:

VIRGÍNIA (*correndo para a porta*) – você me fecha aqui?
 ISMAEL – É preciso.
 VIRGÍNIA (*suplicante*) – Mas por quê? Se você sempre me deixou andar pela casa ? (*doce*) Tão bom ver outras paredes que não sejam essas; [...] (*veemente*) Minha única alegria era mudar de ambiente, [...] (*desesperada*) Por que me prende, Ismael, por quê?
 ISMAEL – Direi depois (RODRIGUES, 2005, p. 21).

O excerto acima demonstra a intransigência de Ismael. Contudo, ele vai além, haja vista que tem necessidade de mostrar à esposa que ela lhe pertence, que é um objeto seu. O momento em que a encerra no quarto é oportuno. Em meio ao desespero Virgínia ousa afrontar o marido, dizendo-lhe que não quer ser mãe novamente. Uma última tentativa para persuadir o esposo a deixá-la sair. No entanto, Ismael é figura embrutecida, não se comove. Mesmo desgostoso, devido à perda de mais um filho, aproveita-se para lembrar à mulher que, a ela, não cabe o direito de tomar decisões, mas apenas de obedecer-lhe: “VIRGÍNIA – Espera. (*com rancor*) Eu não quero ter mais filho. Filho nenhum – ouviu? [...] / ISMAEL (*aproximando-se da portinhola*) – Quem pode querer sou eu. Eu quero outro filho, Virgínia!” (RODRIGUES, 2005, p. 21).

Além disso, Ismael procura causar sofrimento a Virgínia. E o faz, conservando na memória da esposa a cena da noite quando ele a estuprou, não permitindo que ninguém arrume a cama onde se deu a violação. O negro se regozija com o fato de a mulher ser obrigada a presenciar aquele cenário, pois, ao não alterá-lo, Virgínia sofre constantemente, uma vez que, mantendo intacta a cena do estupro, ela não conseguirá apagar de sua memória o fato de ter sido violentada:

VIRGÍNIA [...] – De madrugada, senti passos. Abriram a porta – era ele mandado pela minha tia. Eu gritei, ele quis tapar minha boca – gritei como uma mulher nas dores do parto

VIRGÍNIA (*indicando a cama*) – Ninguém mais dormiu ali... A cama ficou como estava; não mudaram o lençol, não apanharam o travesseiro [...] Ismael não quer que eu, nem ninguém, mexa em nada” (RODRIGUES, 2005, p. 33).

Em relação ao irmão, o comportamento brutal se repete, isso porque, desde criança, Elias já sofria com a ira de Ismael, pelo fato de ser branco. Como se nota, as agressões de Ismael não continham somente o desejo de dominar, mostrar-se superior. Mais que isso, elas carregam consigo o ódio provocado pela não aceitação de sua cor, somadas à inveja da cor de Elias. Assim, é possível perceber que a vontade de Ismael em controlar o homem branco vai além da intenção de impor-se, resultando em atitudes atroz, cujo melhor exemplo é o fato de ter cegado o irmão. Como Elias relata à Virgínia:

– Meu pai era italiano e depois que minha mãe morreu se juntou com a mãe de Ismael... / [...] A mim, nunca me perdoou que eu fosse filho de brancos e não de negros como ele [...] Quando fui morar na casa de Ismael, ele já era rapaz, e eu, menino. Ismael me maltratava, me batia, [...] / [...] eu estava doente dos olhos e Ismael, que me tratava, trocou os remédios. Em vez de um, pôs outro... Perdi as duas vistas [...] (RODRIGUES, 2005, p. 29).

Apesar das atrocidades acima descritas, percebe-se que Ismael se engana ao acreditar que tem controle sobre a esposa e Elias. Desse modo, o desenrolar da peça demonstra que a única coisa que ele consegue é tornar cada vez mais evidente o transtorno psíquico desencadeado pela não aceitação de sua cor. Isso porque, em primeiro lugar, o médico não consegue afastar-se por completo de suas origens. Ele tem consciência de que ainda é negro e, por isso, acaba criando um mundo só dele, fato que, além de ser uma tentativa de manter-se na respeitável posição a que chegou, é também uma forma de proteger sua “máscara branca” e continuar vivendo sua ilusão. A vontade de tornar-se branco faz então Ismael reduzir não somente o mundo da esposa, mas também seu próprio mundo: “[...] quero esse lugar, essa vida. Por isso criei todos esses muros, para que ninguém entrasse. Muros de pedras e altos” (RODRIGUES, 2005, p. 17).

Ali, entre os “muros de pedras e altos”, ele tenta converter sua fantasia em realidade. Assim, segue dando largas à sua obsessão e cometendo mais atrocidades. Nesse caso, uma cena da peça pode ser tomada como exemplo. Trata-se do momento em que Ismael confessa a Virgínia que cegou Ana Maria – filha de Elias com Virgínia – para que a menina jamais soubesse que ele era negro: “ISMAEL [...] Queimei os olhos de Ana Maria, mas sem maldade

– nenhuma! [...] fiz isso pra que ela não soubesse nunca que sou negro [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 72).

Ismael também se engana acreditando ser capaz de controlar totalmente o homem branco. É evidente que ele subjuga Elias e Virgínia, porém não tem total controle sobre ambos. Estes, assim que têm a oportunidade, aproveitam-se para se vingar. Como exemplo, pode ser mencionado o momento em que Virgínia trai o marido com o cunhado: “*Virgínia sobe a escada e vai reaparecer no quarto. Logo depois sobe Elias. Os dois encontram-se e abraçam-se e beijam-se [...]*” (RODRIGUES, 2005, p. 36). Ou quando ela assassina os filhos, por serem negros:

VIRGÍNIA [...] Até hoje eu não fiquei com minha filha, sozinha, uma única vez [...] Você lhe contou que eu matei seus filhos? / Contou, sim [...] E nem ao menos explicou que só fiz isso porque eram pretos, que era preciso destruir um por um [...] (RODRIGUES, 2005, p. 74).

5 Considerações Finais

A partir das discussões propostas ao longo deste trabalho, verifica-se que os discursos estereotípicos a respeito do negro não se restringiram à sociedade colonial. Pelo contrário, eles perduram até os dias atuais, fazendo com que o negro se autorrecuse, se afaste de sua cultura de origem, causando a si mesmo, inclusive, danos psíquicos. Dessa forma, percebe-se que o negro vive um drama, haja vista que está dividido entre os valores de seu grupo e a necessidade de sair da condição miserável à qual foi relegado. Isso porque livrar-se da miséria significa deixar de ser negro, ou seja, colocar uma “máscara branca”, exigência de uma sociedade capitalista, cujos valores ainda são pautados no comportamento dos antigos colonizadores.

Essa situação, quando representada pela literatura, enseja a criação de personagens como Ismael: negro que, para ascender socialmente, afasta-se de seu grupo, mas que, após o sucesso financeiro e profissional, continua vítima das consequências do retrato mítico, criado durante o período colonial, que levaram os negros a ter vergonha de sua cor. Além de buscar ascensão social, Ismael busca provar sua superioridade. A isso soma-se o desejo de submeter aqueles a quem sempre desejou parecer, o que o faz cometer uma série de atos violentos. Entretanto, à medida que a peça se desenvolve, os atos do aludido personagem demonstram que ele padece de uma obsessão, advinda da não aceitação de sua cor. Para finalizar, é importante pensar nos milhares de negros que não conseguem a mesma ascensão de Ismael e, portanto, continuam à margem da sociedade. É possível que padeçam da mesma obsessão de

Ismael? E, se padecem, o que fazem eles para se subjugarem os brancos ou reagirem aos chistes citados na abertura deste trabalho?

Referências

BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces Culturais: The Ventriloquist's tale e Macunaíma**. Dourados: Editora da UFGD, 2011.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Fantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Construções de Identidades Pós-coloniais na Literatura Antilhana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido do Retrato de Colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo Negro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em: 18 de abril de 2017.

Aceito em: 15 de julho de 2017.